

# *Os jovens e a sociabilidade em rede*

*Cristina Petersen Cypriano*

Doutora em Sociologia pela UFMG, como bolsista de doutorado da FAPEMIG. Pesquisadora do Laboratório de investigação em culturas de rede – LINK – UFMG/CNPq.

*Francisco Coelho dos Santos*

Professor associado II da UFMG. Coordenador do Laboratório de investigação em culturas de rede – LINK – UFMG/CNPq.

## **Resumo**

É notável a naturalidade com que os jovens utilizam as novas TICs para interagir em redes sociais da Web. Isso muito se deve ao fato de já terem nascido em um mundo onde se tornou trivial o uso dessas tecnologias nas diversas atividades cotidianas. Grande parte desses jovens cresceu junto com a propagação da Internet e dos sites de rede social. No âmbito desse tipo de site eles praticam formas de sociabilidade que manifestam originais modos de apresentação do *eu* e de relatos biográficos. Trata-se de interações que cotejam o aspecto lúdico das relações sociáveis a estilos expressivos vazados por sentimentos e emoções. Tal expressividade está vinculada às funcionalidades das tecnologias sem fio com conexão à Internet, que permanecem junto ao corpo dos jovens em todos os lugares por onde eles transitam, facultando-lhes partilhar uns com os outros suas experiências vividas, de forma quase imediata. Se para os adultos ainda faz sentido uma distinção entre os laços sociais *online* e os *offline*, para os jovens não há grande relevância nessa espécie de fronteira. De modo que suas relações de sociabilidade primam por transpor a interface entre esses dois ambientes, reconfigurando a forma pelas quais eles se ligam entre si, tanto quanto a maneira como eles se posicionam face aos adultos que lhes são significativos. São inúmeras as implicações desse tipo de mudança para a formação de suas individualidades.

## **Introdução**

Esse texto apresenta e discute uma importante parcela dos resultados colhidos na fase exploratória da pesquisa intitulada “Comunicação móvel e redes sociais”.<sup>1</sup> A primeira etapa da pesquisa procura cumprir o objetivo de identificar e qualificar a emergência de uma cultura do compartilhamento da vida cotidiana por meio do uso de tecnologias móveis de informação e comunicação – *notebooks, tablets, smartphones* – e teve como ponto de partida a seleção de perfis em redes sociais da Internet para mapeamento das amostras. Foi ao longo desse procedimento que pode ser observada uma significativa característica dessa forma de partilha em rede: a vigência de *modos especificamente jovens* de estabelecer relações sociais em torno da publicação, em sites como o Twitter e o Facebook, de material textual e imagético proveniente de experiências rotineiras. Tal especificidade sugere a configuração de uma particular forma da cultura jovem contemporânea que fica manifesta através de três características centrais: a ampla apropriação, entre os jovens utilizadores da Internet, das tecnologias sem fio de conexão; a propagação entre eles de atitudes expressivas no âmbito das redes sociais; e, principalmente, a emergência de um singular modo de sociabilidade em rede que eles realizam por meio dessas tecnologias móveis e em torno da expressividade.

Quando lidamos com a ideia de uma forma cultural que emerge nas trocas em redes sociais da Web, nos referimos a um conjunto de experiências divididas pelos frequentadores dessas redes que começam a contar com um acervo mais consistente de práticas significativas, de princípios de conduta, de valores. Acervo que se constitui na medida em que as vivências partilhadas nas redes sociais passam

por um processo de “sedimentação intersubjetiva”, para usar os termos de Berger & Luckmann (1985), ou seja, se inserem em um processo de *objetivação* que “abstrai a experiência de suas ocorrências individuais biográficas” e as torna “uma possibilidade objetiva para todos” (Berger & Luckmann, 1985: 97), ao menos para todos aqueles que se conectam a tais redes. Obviamente que essa convergência de biografias exteriorizadas não corresponde a uma simples somatória dos distintos desempenhos, o que ocorre é uma integração por “reciprocidade dotada de sentido” (Berger & Luckmann, 1985: 91). Semelhante reciprocidade sucede da relevância que os indivíduos cujos percursos se entrelaçam atribuem para um tipo ou outro de ação. De modo que passam a se pautar por uma espécie de “tipificação recíproca” (Berger & Luckmann, 1985: 79) pela qual são tornadas habituais algumas das condutas que persistem no prosseguimento da história compartilhada por eles.

Nesse sentido, a percepção de que existe uma forma cultural jovem que nasce nas trocas em ambiente digital diz respeito à objetivação de experiências partilhadas e de tipificações recíprocas que são engendradas pela ação de indivíduos cujas biografias se encontram em processo preparatório, o que inclui a fase de formação escolar, acadêmica ou profissional, assim como os variáveis níveis de dependência quanto ao grupo familiar, embora já tenham deixado para trás a fase de infância (cf. Mannheim, 1982). O que fica proeminente nos modos de agir desse grupo etário é a experiência de um momento transitório na direção dos preceitos de autonomia e responsabilidade que orientam fortemente as ações de indivíduos adultos nas sociedades modernas. Por outras palavras, esse desenho de objeto, tendo em conta as dificuldades de definição tantas vezes apontadas pelos estudiosos do tema, não deixa de contemplar a “condição de transitoriedade como elemento importante para a definição do jovem — transição da heteronomia da criança para a autonomia do adulto —”, no entanto deixa de considerar as espinhosas questões que concernem ao “modo como se dá essa passagem, sua duração e características”, na medida em que elas escapam às ambições do presente trabalho (Sposito, 1997: 38). Ocorre que esses indivíduos que estão em vias de tornarem-se adultos (sem, no entanto, sê-lo ainda) elaboram formas muito próprias de se relacionar com o mundo e com os outros indivíduos. Por isso, conceder-se-á especial atenção ao fato de que são esses modos de ser e de realizar as atividades do dia a dia que se manifestam de maneira muito própria em um montante de atitudes que vem sendo compartilhado nas redes sociais por jovens em posse de dispositivos móveis de comunicação, isto é, por jovens que são usuários correntes das TICs em geral e das TIC móveis em particular.<sup>2</sup>

Sucedem que, diferentemente dos adultos, os jovens (principais produtores de uma nova forma cultural) executam uma enorme parte de suas atividades na internet ou em redes sociais. Eles se comunicam, se encontram, criam, realizam as mais diversas trocas, coordenam suas atividades, aprendem, produzem análises, evoluem e crescem diferentemente de seus pais, dos membros da geração que os precede. A familiaridade que eles manifestam com esse tipo de prática muito se deve ao fato de que eles já nasceram em um mundo onde se tornou trivial o uso das tecnologias de conexão em rede na condução de diversas atividades cotidianas. O contato com um computador – ou qualquer outra máquina da mesma linhagem – pelo qual se tem acesso aos sites da Web desde sempre fez parte da vida de grande parte desses jovens que cresceram junto com a ampla propagação das novas tecnologias. Também junto a eles cresce a apropriação coletiva dos serviços de redes sociais, como o Twitter e o Facebook. É no âmbito desses sites que os jovens promovem modos de sociabilidade que são fortemente sustentados por suas atitudes expressivas.

A expressividade dos jovens que cultivam laços em sites de redes sociais é amparada por recursos de linguagem tais como “a enunciação na primeira pessoa, o uso intenso de tonalidades afetivas diversas — do mesmo modo que uma frequência inusitada de enunciados exclamativos —, a presença forte da veemência e do entusiasmo nas trocas, até quando envolvem um raciocínio lógico ou argumentativo, e outras tantas marcas do mesmo gênero” (Santos e Cypriano, 2011: 14). Em condições variáveis, na forma de textos, imagens, *emoticons*, as trocas em rede vêm sendo inundadas pela expressão de experiências que poderiam ser silenciadas ou relatadas em segredo apenas aos mais

próximos, não fosse pela facilidade com que hoje em dia se pode publicar em um site de rede social o relato ou o testemunho de uma vivência, qualquer que ela seja. É notável que o uso das tecnologias móveis favorece largamente essa aptidão à abertura e ao compartilhamento da vida pessoal. Os eficientes celulares, *smartphones* e *tablets* que permanecem junto ao corpo dos jovens em todos os lugares por onde eles transitam facultam a eles a possibilidade de partilhar uns com os outros, muitas vezes de forma imediata, um registro em imagem, o relato de uma experiência vivida, onde quer que ela se dê, por mais íntima que seja, desde que as condições de conexão sejam satisfeitas.

As interações em torno de material proveniente da de suas vidas pessoais promovem singulares modos de sociabilidade entre eles. Geralmente vinculado ao lazer e ao tempo livre, o exercício da sociabilidade é principalmente caracterizado por interações que dispensam qualquer finalidade que não seja a criação e o cultivo do laço social. Tais interações são muito frequentes nos sites de rede social e, da forma como são praticadas pelos jovens, configuram originais modos de apresentação do *eu* e de relatos biográficos. Enquanto conservam o aspecto lúdico que é próprio das relações sociáveis, essas novas formas de ligação em rede desafiam o resguardo da intimidade e da profundidade daquilo que é partilhado. De modo que, quanto mais são expressos os sentimentos e percepções dos jovens que interagem uns com os outros, mais vigoroso é o investimento nos laços que os ligam entre si, mesmo que isso se dê à custa da exposição de suas vidas pessoais. Dessa maneira a sociabilidade em rede vem sendo extraordinariamente vazada pelo compartilhamento de sentimentos e de emoções.

## Métodos

Os resultados parciais aqui apresentados e discutidos foram alcançados na fase exploratória de uma pesquisa<sup>3</sup> que aborda o fenômeno estudado pelo cotejamento de duas perspectivas: uma que toma o ponto de vista do “nadador”, ou seja, que observa os processos “de dentro do fluxo”, e outra que oferece a visão do “aviador” e permite notar os aspectos que assumem relevo quando “contemplados do alto e numa longa extensão” (Elias, 1994: 46). A exploração da primeira dessas perspectivas se dá pela observação participante, uma ação metodológica que consiste na “inserção do pesquisador no ambiente natural da ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada” (Peruzzo, 2005: 125). As principais características desse método “consistem no fato de o pesquisador mergulhar de cabeça no campo, de ele observar a partir de uma perspectiva de membro, mas, também, de influenciar o que é observado graças à sua participação” (Flick, 2007: 152). A observação participante é o procedimento que permite aos pesquisadores dessa investigação seguir os rastros dos indivíduos que compartilham a vida cotidiana nas redes sociais estudadas, interagir com eles e participar da experiência de utilizar as TICs móveis no exercício desse tipo de troca. Através desse procedimento foram alcançadas as primeiras evidências de que existem modos especificamente jovens de compartilhamento da vida cotidiana em redes sociais da Internet.

A segunda perspectiva, a do aviador, constitui-se pela análise do conteúdo manifesto que é coletado no decorrer da observação participante. Tal método opera pela decomposição do “conteúdo do documento em fragmentos mais simples, que revelem sutilezas contidas em um texto. Os fragmentos podem ser palavras, termos ou frases significativas” (Chizzotti, 2006: 115) para os fins da pesquisa. Na investigação em questão, a análise de conteúdo se dá pelo uso de software específico para essa finalidade, o *Nvivo*, cuja funcionalidade permite explorar e analisar documentos do Word, PDFs, arquivos de áudio, imagens e vídeos através da inserção do conteúdo, da construção de categorias que são ramificadas compondo árvores que detalham a análise de acordo com os objetivos do trabalho. Todo o processo de análise do conteúdo é orientado por ampla revisão bibliográfica relativa às temáticas em questão e pela interpretação de dados secundários.

Cabe acrescentar que o procedimento metodológico utilizado recorre à literatura sobre redes de modo a contemplar tanto as características estruturais delas como também as dinâmicas tipicamente

reticulares que se dão nessas estruturas. Foi feita uma opção pela compilação de abordagens para o fenômeno rede, o que inclui: as teorias que tratam a rede como metáfora da vida social — ou como sua “ordem oculta”, nos termos de Elias (1994) — os métodos baseados na ARS (Análise de Redes Sociais) que focalizam os atributos estruturais da rede e também as teorias das redes que estudam suas características dinâmicas (Fragoso et alii, 2011; Souza & Quandt, 2008; Degenne & Forsé, 2004).

Outro recurso muito utilizado no decorrer da pesquisa é o procedimento comparativo, pelo qual se fazem notar não somente as semelhanças, como também as diferenças e singularidades nos modos pelos quais os indivíduos se exprimem e se relacionam uns com os outros nos processos que transcorrem em diferentes configurações de redes sociais. A comparação entre os modos jovens de compartilhamento da vida cotidiana e os modos como indivíduos de outras gerações o fazem permitiu identificar e qualificar alguns atributos do que pode ser considerado como uma forma de cultura jovem que emerge entre aqueles que utilizam as TICs móveis para interagir em redes sociais da Internet. Foram comparadas as dinâmicas de troca de conteúdos manifestos em textos e imagens levando em consideração a faixa etária dos indivíduos, a fase escolar, as condições de heteronomia/autonomia em relação ao grupo familiar, os modos de lazer, os gostos musicais, entre outros critérios que permitem distinguir a presença de jovens entre os indivíduos que publicam em redes sociais material proveniente da vida cotidiana.

Uma vez identificada entre os perfis selecionados a existência de modos especificamente jovens de compartilhamento da vida cotidiana, parte da amostra foi mapeada considerando esse critério. Os perfis tipicamente jovens foram tratados como sendo nós de rede social “a partir dos quais os demais componentes (nós) da rede podem ser rastreados”, seguindo o “método da bola de neve” (Souza & Quandt, 2008: 46). Todo o mapeamento é também baseado no teor dos conteúdos publicados, que devem ser fundamentalmente característicos da vida cotidiana de quem os publicam; assim como observa os tipos de laço social ou de interação que se dão em torno de conteúdos dessa natureza.

## Resultados

Os resultados parciais aqui discutidos foram colhidos nos cinco primeiros meses da pesquisa, durante a fase de seleção de perfis e de mapeamento de amostras, quando foram iniciados os procedimentos de observação participante e de análise de conteúdo. A identificação de um primeiro perfil tipicamente jovem ocorreu em um levantamento realizado no Twitter, plataforma de rede social que oferece a seus usuários uma maneira simples e rápida de descrever o que está acontecendo por meio de SMS, isto é por um *Short Message Service* ou “serviço de mensagens curtas”, onde se pode publicar uma micromensagem com poucas linhas de texto, como as que geralmente são trocadas por intermédio de TICs móveis. Além das breves mensagens, o serviço conta com um suporte para o *upload* de fotos digitais enviadas pelos usuários.

O primeiro perfil selecionado no Twitter foi o de @Giu<sup>4</sup>, uma jovem de 16 anos que publica textos e fotos agregando temas que abrangem as rotinas na escola, as notas das provas, os castigos, os amigos, os momentos de lazer, as aventuras, a preguiça, os artistas de sua predileção, assim como sua relação com a mãe e com o irmão caçula. @Giu compartilha no Twitter fotos da árvore de natal do último ano, do bolo de aniversário que sua mãe fez quando ela completou dezesseis anos e do que havia feito aos quinze. Relata saudades dos quinze anos e o profundo agradecimento à mãe que lhe oferece aos dezesseis uma mesa inteiramente recoberta por ícones da Inglaterra, que ela aprecia particularmente. Publica também fotos de sua turma em sala de aula, de seu irmãozinho – a quem chama de “lindo” – vestindo a camisa do São Paulo Futebol Clube e brincando com o cachorrinho da família. Compartilha fotos de seu quarto com a cama revirada, com um notebook sobre o colchão, com um micro system no chão e também um monte de papéis e um estojo repleto de lápis de cores sobre um banquinho de madeira. Qualquer pessoa que visitar o perfil de @GIU no Twitter tem acesso a essa

riqueza de imagens de sua vida pessoal, mesmo íntima, como também às inúmeras fotos de sua face sorridente, entre as quais a costumeira foto diante do espelho com o smartphone nas mãos.

O que primeiramente chamou nossa atenção no perfil dessa adolescente – que também alimenta um blog e possui páginas no Facebook, no Instagram e no Tumblr – foi a naturalidade com que ela captura imagens de seu dia a dia e as publica com algum comentário sem dar muita importância às fronteiras entre os temas que estão sendo expostos. A escola, a casa, o time de futebol, as saudades de um tempo que já foi, a preguiça, o grupo musical, entre outros, aparecem como um agregado de acontecimentos cujo sentido de unidade dispensa a lógica classificatória tão cara à especialização temática que normalmente rege as publicações de indivíduos mais maduros. É muito comum encontrar páginas temáticas alimentadas por adultos que organizam suas pautas em torno de opiniões, gostos ou interesses específicos. Diferentemente do emaranhado de conteúdos que povoam a página pessoal de @Gil e de tantos outros jovens e adolescentes que interagem com ela pelo Twitter e/ou por algum outro serviço de rede social.

A identificação dessa peculiar forma de partilha em rede remonta ao estudo sobre *Produção de subjetividade em blogs em microblogs* (Santos e Cypriano, 2010), quando foi observado que, em redes tipicamente móveis – ou seja, em redes sociais da Internet que operam pela conexão através de TICs móveis, como é o caso do Twitter – “a transmissão instantânea replica uma espécie de tensão dilacerante que existe entre as coisas no momento em que elas estão sendo vividas. Nesse aspecto, o caráter fragmentário e um tanto desordenado dos *tweets* é muito fiel à experiência do tempo real” (Santos e Cypriano, 2010: 13). Acontece que a prática e o hábito do compartilhamento em tempo real implica, por um lado, em um mínimo de familiaridade com o uso das tecnológicas sem fio que possibilitam esse tipo de publicação e, por outro, em uma disponibilidade para transmitir às redes de relação social o relato ou registro de uma vivência no momento em que ela ocorre. A primeira dessas implicações, que diz respeito à intimidade com as novas tecnologias de informação e comunicação, permite qualificar uma das características que adquire relevância como qualidade distintiva dos modos propriamente jovens de partilha da vida cotidiana. A segunda está associada a uma postura expressiva que também traça uma particularidade desse tipo de troca em rede.

A facilidade e a agilidade com que os jovens se apropriam das novas TICs já havia sido objeto de discussão na publicação sobre *Comunicação móvel e sociedade* onde Castells *et alii* (2009) relatam análises em torno de levantamentos realizados em países da Europa, das Américas e da Ásia-Pacífico. Os autores concluem, em síntese, que “por todo o mundo, os jovens são rápidos na adoção e apropriação das tecnologias móveis, desde que as possam pagar” e as consequências disso dizem respeito à constatação de que eles “transformaram-se num importante grupo social, que está constantemente conectado em rede através das comunicações móveis, e, ao fazê-lo, releva os usos potenciais da tecnologia mais rapidamente do que a geração mais velha” (Castells *et alii*, 2009: 215). Além de serem importantes expoentes dos potenciais usos que as novas tecnologias apresentam, os jovens tendem a explorar as múltiplas funcionalidades que elas oferecem com maior facilidade que as gerações que os precedem. O uso dos teclados *touchscreen* – geralmente digitados com os polegares – e das câmeras fotográficas, são duas das várias funcionalidades muito utilizadas por eles. Tais modos de apropriação ficam manifestos de maneira recorrente nas páginas pessoais de jovens como @Giu.

Na medida em que, em torno desse primeiro perfil tipicamente jovem, foi sendo mapeada a amostra que atende aos critérios dessa parte da investigação, ou seja, a que se volta para os modos especificamente jovens de partilhamento da vida cotidiana em redes sociais, mais evidente foi ficando a singular maneira como esses jovens se apropriam das tecnologias sem fio de conexão em rede com extraordinária competência para trocar mensagens de texto e fotos.

O uso do texting, ou seja, o recurso aos brevíssimos textos que são digitados nos aparelhos tecnológicos e instantaneamente enviados às redes de relações sociais vem sendo disseminado como alternativa às narrativas que são fruto de longa reflexão. Nota-se aí uma abreviação das unidades de

sentido refletida em costumeiras contrações de palavras – como, por exemplo, a fração “vc” onde se escreveria “você”, ou a abreviatura “abc” em substituição à saudação “um abraço”.<sup>5</sup> Marcado pela brevidade e pelo efêmero, o sentido que é comunicado às redes sociais está aberto à intervenção daqueles com quem é dividido. E essas comunicações se dão em fluxo contínuo e de longo alcance. O fugaz sentido da vida cotidiana que é partilhado por jovens tecnologicamente conectados está apto a atravessar longas distâncias e a fluir permanentemente pelas configurações reticulares tecnologicamente sustentadas.

Outra funcionalidade das TICs móveis notadamente muito explorada pelos jovens que integram as redes observadas nesse recorte da investigação é a câmera fotográfica, juntamente com a capacidade de transmissão quase imediata dos dados de imagens. Existe uma crescente oferta de suporte para esse tipo de publicação por parte de vários sites da Web, principalmente daqueles que investem na formação de redes sociais. Isso sem falar no mútuo incentivo que os integrantes de tais redes praticam retribuindo a publicação de fotos com a postagem de suas próprias imagens, comentando e expressando satisfação diante das incontáveis fotos amadoras que são repartidas entre pares. É interessante observar que a fotografia amadora é uma prática quase sempre “avaliada por sua espontaneidade, autenticidade, naturalidade e emocionalismo” (Murray, 2011: 151). Tudo isso repercute em um exponencial aumento do compartilhamento em rede de fotos testemunhais e de autorretratos.

Em um estudo sobre o “autorretrato em rede”, Cruz & Araujo (2008) partem da constatação de que com a disseminação da partilha de fotos na Web “surge um intenso movimento de voltar a câmera para si” (Cruz & Araujo, 2008: 112). Tendência que culmina com a ampla utilização da dupla câmera dos aparelhos celulares e/ou dos smartphones. Torna-se cada vez mais comum para um indivíduo ter em mãos uma câmera que realiza o mesmo tipo de captura de imagens que vinha sendo feita a partir das *webcams* dos computadores de mesa. Durante os primeiros meses de observação foi possível notar que o autorretrato é um especial tipo de conteúdo imagético que inunda as páginas pessoais dos jovens frequentadores de redes sociais. Sempre renovável, esse gênero fotográfico costuma aparecer acompanhado por recursos de *texting* repletos de exclamações e enunciados de tonalidade afetiva, principalmente na forma de *emoticons*, uma adaptação dos símbolos do teclado para expressar emoções como, por exemplo, *mostrar a língua* – :p –, demonstrar afeto – <3 –, sorrir – :) – ou exprimir descontentamento – :( –, entre outros.<sup>6</sup> Os autorretratos assim *legendados* se mostram exímios exemplares da atitude expressiva em voga entre os jovens. O teor afetivo de suas postagens fica ainda mais evidente quando as imagens comentadas são comparadas àquelas que são publicadas por indivíduos de outra geração.

Essa outra característica dos modos especificamente jovens de compartilhamento da vida cotidiana em rede também foi indicada por Castells *et alii* (2009) como importante atributo da maneira como eles utilizam as tecnologias sem fio em diversas localidades do mundo. Os autores identificam esse uso prioritariamente expressivo em trocas de mensagens de texto repletas de “romance e *flirt*, piadas e conversa geral” (Castells *et alii*, 2009: 197, nota 10). Observam, a propósito, que o uso expressivo dos recursos comunicacionais tem se tornado mais intenso que o uso instrumental (Ling e Yttri citados por Castells *et alii*, 2009: 197) e que tal expressividade atua como um catalisador na formação e no incremento dos laços sociais que são tecidos nos sites de rede social.

O reforço de um laço social que é tecido através do Twitter pode estar manifesto em uma resposta a uma postagem ou em um *retweet* – ação de republicar o *tweet* de alguém. O *retweet* opera como uma espécie de subscrição do que foi expresso pelo outro. Foi dessa maneira que @May (um dos nós da rede que está sendo investigada) *assinou em baixo* do que foi dito por @Isa (outro nó da mesma rede) ao desabafar: “Aquela vontade de chorar que vem do nada... Odeio minhas mudanças de humor”.<sup>7</sup> Ao realizar o *retweet*, @May não somente reforça a atitude expressiva da amiga, como também preserva o laço que as une diante de todos os outros frequentadores da rede. Exercita, assim, uma peculiar forma de sociabilidade em rede.

A singular maneira como esses jovens realizam a sociabilidade por intermédio das novas TICs e em torno de suas atitudes expressivas começa a adquirir maior relevo a partir do momento em que a análise do conteúdo toma como referência a perspectiva de Simmel para a definição de sociabilidade. Alcança-se, então, a terceira característica que dá sentido ao que foi observado sobre os modos jovens de compartilhamento da vida cotidiana.

Segundo Simmel, a sociabilidade constitui a “forma pura” da ação recíproca – evidentemente, trata-se de uma apropriação “ideal-típica” do termo – no sentido proposto por Weber (2004).<sup>8</sup> Como forma pura, a sociabilidade exprime a própria formação de sociedade como um valor, sendo seu exercício caracterizado basicamente “por um sentimento, entre seus membros, de estarem sociados, e pela satisfação derivada disso” (Simmel, 1983: 168). Simmel argumenta que “o ‘impulso de sociabilidade’ extrai das realidades da vida social o puro processo da sociação como um valor apreciado, e através disso constitui a sociabilidade no sentido estrito da palavra”. Nesses termos “é compreensível que a pura forma, por assim dizer, a inter-relação interativa, suspensa, dos indivíduos seja enfatizada de maneira mais vigorosa e efetiva” (Simmel, 1983: 169). É uma interação suspensa diante das outras na medida em que dispensa qualquer outra motivação que não o associar-se como tal. Nada se espera além do exercício sociável de estar junto com os outros e das satisfações que são provenientes disso. A confecção de vínculos sociais se ergue, portanto, sobre todos os outros propósitos subjetivos e/ou objetivos, promovendo formas muito próprias de ação recíproca, distintas, por exemplo, das formas que assumem os contornos de interações econômicas ou políticas.

Esse é um dos principais motivos pelos quais a sociabilidade se dá por uma abstração das diferenças objetivamente traçadas – classe, renda, grau de instrução – e pela expressão das qualidades pessoais que se mostram socialmente atraentes. Existe um cuidado na reciprocidade, no equilíbrio do prazer sociável. Daí o costumeiro respeito ao que Simmel (1983:171) define como sendo os “limiões da sociabilidade”, limiões que cooperam no sentido de uma simetria que ajuda a dar forma às relações sociáveis. Tais limites se definem habitualmente pelo afastamento, em situações típicas de sociabilidade, de todos os atributos objetivos que os indivíduos trazem consigo – posição social, formação intelectual, fama, entre outros – e que demarcam distinção entre eles. Por outro lado, é comum que haja uma dosagem de discrição pela qual o ser sociável evita exhibir seus traços subjetivos mais genuínos e profundos, estes também fontes de diferenciação entre os indivíduos. É nessa direção que o compartilhamento em rede praticado pelos jovens vem desrespeitando alegremente os limites da sociabilidade ao transpor as esferas de privacidade e cultivar publicamente laços muitas vezes íntimos.

A contínua conectividade proporcionada pela apropriação das tecnologias móveis e a disponibilidade a expressar sentimentos implicam na “criação de novas esferas de intimidade, novos modos e novos momentos de comunicação que estão no cerne da cultura jovem móvel”, como havia sido observado por Castells *et alii* (2009: 194). Os relacionamentos sociáveis entre os jovens frequentemente penetram na esfera privada e provocam uma transformação da sociabilidade que aponta para a formação do que pode ser denominado por “comunidade íntima a tempo inteiro”, conforme denominação utilizada por Matsuda e citada por Castells *et alii* (2009: 117).

## Conclusões

Os resultados até aqui alcançados permitem notar que esses coletivos jovens de sociabilidade em rede são legitimados por eles próprios, que o fazem respondendo e pedindo respostas uns aos outros, replicando e mimetizando as maneiras pelas quais é válido se expressar nesse contexto. Desse modo os jovens frequentadores de redes sociais da Internet estão compondo um acervo comum de práticas significativas que sustenta inovadoras formas de relação social. Vincent Lemieux (1985) havia chamado a atenção para o fato de que a sociabilidade, da maneira como Simmel a define, tem a qualidade de construir redes de amizade que não são previamente definidas ou fixadas, uma vez que

são compostas por relações que “se formam sem cessar e os antigos laços tornam-se obsoletos” (Lemieux, 1985: 19). Esses jovens inventam laços sociais cuja natureza em muito ainda nos escapa.

As marcantes diferenças quanto ao modo como os jovens conectados às redes criam novas relações sociais e ao que estamos habituados a fazer foram apontadas por Michel Serres em uma conferência recentemente proferida. A respeito desses novos modos de conexão, Serres observa que “pelo celular, eles acessam todas as pessoas; pelo GPS, todos os lugares; pela web todo o saber: eles assombram um espaço topológico de vizinhanças, ao passo que habitamos um espaço métrico, referenciado por distâncias” (Serres, 2012: 13). Nesse espaço de vizinhanças, continua ele, “resta inventar novos laços. Testemunho disso é o recrutamento do Facebook”, sendo que de maneira completamente diversa, “nós, adultos, não inventamos nenhum laço social novo. A dominação da crítica e da suspeita faz mais é destruí-los” (Serres, 2012: 16).

Talvez essa decisiva diferença seja aquilo que sustenta, entre os indivíduos de outra geração, uma dúvida generalizada quanto à natureza da amizade que é cultivada por esses jovens nas redes sociais *online*. A pergunta padrão é *são todos realmente amigos?* Existe também uma ênfase mais quantitativa para a mesma questão, que indaga se *um indivíduo tem realmente centenas de amigos?* A esse respeito é válido considerar a argumentação de Antonio Casilli (2010) em seu trabalho sobre *As ligações numéricas*, ao abordar essa questão. O autor oferece um interessante encaminhamento a ela. Primeiramente ele observa que aquilo que em sites de rede social “nós designamos convencionalmente pelo nome de ‘amizade’ é um tipo de ligação inteiramente específica dos ambientes sociais da Web” (Casilli, 2010: 270). Isso significa aceitar que, embora possua a mesma designação de um vínculo social *offline*, trata-se de um tipo de laço que não existe senão nas dinâmicas típicas do mundo online. O autor prossegue comentando que na língua inglesa “essa amizade assistida por computador toma o nome de *friending*. O neologismo designa o ato de ‘amigar’ ou de ‘tornar-se *amigo* de’ alguém” (Casilli, 2010: 271). Não é de se admirar que essa forma de ligação assuma o estatuto de uma *ação*, uma vez que abarca o movimento voluntário e persistente de tecer e manter laços sociais, sejam quais forem as motivações dos indivíduos.

O mais importante, nesse momento, é notar que essa contínua criação de novos laços ajuda a compor a forma jovem de se relacionar por meio de tecnologias sem fio. Assim vem sendo produzida uma original forma de cultura jovem que transpõe uma série de marcadores locais e alcança dimensão global. Não há de se entender, entretanto, que a experiência da juventude se faz mundialmente homogênea. Assim como não se trata de atribuir estatuto trans-social e/ou trans-histórico aos atributos que definem a juventude. O que está em jogo é a vigência de algumas práticas que nos dias que correm atravessam fronteiras, ainda que adquiram sentido somente na particularidade de cada contexto social ou mesmo na singularidade das trajetórias individuais dos jovens que as realizam. São, por sua vez, atividades indissociáveis das condições socioculturais do nosso tempo, de uma época “marcada pelo ‘fenômeno rede’” (Rosenstiehl, 1988: 228), cuja qualidade central é a extraordinária capacidade de conectar o local ao global, sem que para isso seja “necessário ocupar mais do que estritas linhas de força” (Latour, 1994: 118). Semelhante competência vem sendo potencializada pelo desenvolvimento das TICs móveis que, a cada dia, ampliam e aprimoram as possibilidades de conexão em rede que tiveram início a partir da familiarização com o uso da Internet.

Os jovens, muito mais que os adultos, já incorporaram à rotina da vida o uso desses aparelhos sem fio de conexão em rede. Para seus pais, tios, professores, ainda faz sentido uma distinção entre as ligações que são estabelecidas nas interações *online* e nas que se dão em ambiente *offline*. Já para os jovens não há grande relevância nessa espécie de separação entre o que se passa no mundo físico e no mundo digital. Para eles, a conectividade permanente e distribuída entre indivíduos dispersos por vastas extensões condiciona uma interface ubíqua, semelhante a uma “membrana permeável entre o real e o virtual, entre o aqui e o qualquer lugar” (Ito citada por Castells et alii, 2009: 117). Da maneira como os jovens convivem com a interface móvel ela parece abrir passagem, se deixar atravessar, a tal



ponto porosa que chega a passar despercebida. Desse modo, suas relações de sociabilidade primam por transpor a interface entre um *milieu* e outro, reconfigurando não somente a forma pelas quais eles se ligam entre si, como também o modo como eles se posicionam face aos adultos que lhes são significativos, que, entretanto, não possuem a mesma familiaridade que eles no que tange às novas formas de relação.

## Bibliografia

- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- CASILLI, Antonio A. *Les liasons numériques: vers une nouvelle sociabilité?* Paris: Éditions Du Seuil, 2010.
- CASTELLS, M., FERNANDEZ-ARDÈVOL, M., QIU, J. L., SEY, A. *Comunicação móvel e sociedade. Uma perspectiva global*. Lisboa: Ed. da Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis, Ed. Vozes, 2006.
- DEGENNE, A. & FORSÉ, M. *Les réseaux sociaux*. Paris, Armand Colin, 2004.
- CRUZ, Nina V. & ARAUJO, Camila L. “Imagens de um sujeito em devir: autorretrato em rede”. *Revista Galáxia*, São Paulo, n°23, jun. 2012, pp. 111-124.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo, Artmed Editora, 2007.
- FRAGOSO, S., RECUERO, R. & AMARAL, A. *Métodos de pesquisa para a Internet*. Porto Alegre, Ed, Sulina, 2011.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- LEMIEUX, Vincent. “Les réseaux de sociabilité”. In: *Societes: revue de sciences humaines et sociales*. Juin 1985 – vol.1, n°4.
- MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: Foracchi, M. (org.) *Mannheim*. São Paulo: Ed. Ática, 1982.
- MURRAY, S. (2008). Digital Images, Photo Sharing, and ou shifting notions of everyday aesthetics. In: *Journal of Visual Culture*. Los Angeles, London, New Delhi and Singapore: Sage Publications.
- PERUZZO, Cicilia. “Observação participante e pesquisa-ação”, In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo:Atlas, 2005.
- ROSENSTIEHL, Pierre. “Rede”. In: *Lógica-Combinatória*. Enciclopédia Einaudi, vol 13, 1988, pp. 228-246.
- SANTOS, Francisco C. & CYPRIANO, Cristina P. *Secreções digitais de subjetividade*. (2010a). Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/129568988/Secrecoes-Digitais>. Acesso em 05/03/2013.
- SANTOS, Francisco C. & CYPRIANO, Cristina P. “Redes sociais, redes de sociabilidade”. (2011b). Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/129361476/Redes-Sociais-Redes-de-Sociabilidade>. Acesso em 05/03/2013.
- SERRES, Michel. *Petite poucette: le monde a tellement changé que les jeunes doivent tout réinventer une manière de vivre ensemble, des institutions, une manière d'être et de connaître*. Paris: Éditions Le Pommier, 2012.
- SIMMEL, Georg. “Sociabilidade, um exemplo de sociologia pura ou formal”, in: MORAES FILHO, Evaristo. (Org.). *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo, Ed. Ática, 1983.
- SOUZA, Queila & QUANDT, Carlos. “Metodologia de análise de redes sociais”, in: Duarte, F. Quandt, C. & Souza, Q. (orgs.) *O tempo das redes*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2008, pp. 31- 63.
- SPOSITO, Marília P. “Estudos sobre juventude em educação”, *Revista Brasileira de Educação*, n° 5-6, mai/dez. 1997.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

## Notas de rodapé

---

<sup>1</sup> Essa pesquisa corresponde ao processo nº APQ-02390-12 do Edital 01/2012 – Demanda Universal - FAPEMIG.

<sup>2</sup> A análise de dados secundários levantados no Brasil e em outras localidades sustenta essa constatação. Uma pesquisa realizada em 2012 pela CETIC.br, cujos resultados estão publicados em <http://www.cetic.br/usuarios/tic/2012/>, acesso em 20/06/2013, demonstra um reforço à tendência de aumento do acesso à Internet por meio de tecnologias sem fio entre os brasileiros. Já os resultados de um levantamento feito em 2013 pela *ComScore* sobre o uso da Internet na América Latina e sobre a adesão, nesse contexto, de jovens (entre 15-24 anos) aos sites de redes sociais podem ser encontrados em <http://www.iab.cl/2013/07/05/informe-de-comscore-futuro-digital-latinoamerica-2013/>, Acesso em 11/06/2013. Dados similares, porém colhidos especificamente no Brasil estão disponíveis em [http://www.comscore.com/por/Insights/Events\\_and\\_Webinars/Webinar/2013/2013\\_Brazil\\_Digital\\_Future\\_in\\_Focus](http://www.comscore.com/por/Insights/Events_and_Webinars/Webinar/2013/2013_Brazil_Digital_Future_in_Focus). Acesso em 11/06/2013.

<sup>3</sup> Uma descrição mais completa da metodologia aqui apresentada pode ser encontrada no projeto de pesquisa “Comunicação móvel e redes sociais”.

<sup>4</sup> O nome completo da adolescente foi preservado.

<sup>5</sup> É interessante observar que, embora já esteja amplamente difundido o uso de contrações e abreviações de palavras, principalmente entre os jovens, os mais recentes padrões tecnológicos de digitação em aparelhos celulares estão equipados com autocorretores que reintroduzem a palavra completa nas mensagens via texto.

<sup>6</sup> Essa discussão sobre o uso do *texting*, dos *emoticons*, da câmera fotográfica de tecnologias sem fio e da difusão da partilha de autorretratos foi realizada, sob outra perspectiva, na tese *Nas travessias da interface: as novas formas da vida social em rede*, desenvolvida por Cristina Petersen Cypriano e apresentada como exigência parcial para obtenção do título de doutor em Sociologia pela UFMG. Toda a pesquisa cujos resultados foram discutidos na tese e todo o processo de elaboração do texto final foram realizados com o suporte da bolsa de doutorado da FAPEMIG. A orientação da tese foi feita por Francisco Coelho dos Santos.

<sup>7</sup> O nome completo e o endereço de Twitter das adolescentes foram preservados nesse texto. A citação pode ser encontrada na página pessoal de ambas.

<sup>8</sup> Weber observa que o recurso ao tipo puro de qualquer categoria de ação nos ajuda a ressaltar os parâmetros e atributos “dos quais a ação real se aproxima mais ou menos ou dos quais – ainda mais frequentemente – ela se compõe” (Weber, 2004:16).